



VIOLÊNCIA DE GÊNERO: ANÁLISE CONCEITUAL APOIADA POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

BASED GENDER VIOLENCE: CONCEPTUAL ANALYSIS SUPPORTED BY ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Victoria Grassi Bonamigo¹

Deborah Ribeiro Carvalho²

Marcia Regina Cubas³

Resumo: O objetivo desse artigo foi analisar o conceito de violência de gênero, por meio da relação com seus termos substitutos. Foi utilizado como base empírica definições publicadas nos idiomas português, inglês, espanhol e francês. As buscas dos artigos foram realizadas por termos estruturados. Foram identificadas 222 definições e extraídos termos definidores. A partir desses termos, foi realizado o processo de “*knowledge discovery in databases*” para geração de regras de associação. O conteúdo das regras foi analisado para identificar as regras generificadas. Os termos que compuseram as regras generificadas foram organizadas em antecedentes, consequentes e atributos. Como principal resultado, foi verificado que a violência de gênero é composta por um conjunto de tipologias de violência, destacando as violências psicológica, sexual, econômica e física, além de vitimizar de forma hegemônica as mulheres, sendo perpetuada por um homem com o qual a vítima se relaciona.

Palavras-chave: Violência de Gênero; Violência Contra Mulher; Violência Doméstica; Violência Sexual; Formação de Conceito.

Abstract: The objective of this article was to analyze the concept of gender violence, through the relationship with its substitute terms. Definitions published in Portuguese, English, Spanish and French were used as an empirical basis. Article searches were carried out using structured terms. We have identified 222 definitions and the defining terms were extracted. Based on these terms, the “*knowledge discovery in databases*” process was carried out to generate association rules. The content of the rules was analyzed to identify gendered rules. The terms that made up the gendered rules were organized into antecedents, consequents, and attributes. As a main result, it was verified that gender violence is made up of a set of types of violence, highlighting psychological, sexual, economic, and physical violence, in addition to victimizing women in a hegemonic way, being perpetuated by a man with whom the victim relates.

Keywords: Gender-Based Violence; Violence Against Women; Domestic Violence; Sexual Violence; Concept Formation.

¹ Psicóloga. Mestre em Tecnologia em Saúde pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Doutoranda em Tecnologia em Saúde pela PUCPR. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: victoria.grassi@outlook.com

² Doutora em Informática Aplicada pela PUCPR. Doutora em em Computação de Alto Desempenho pela Universidade Federal do Rio Janeiro (COPPE). Docente colaboradora do Programa de Pós-graduação de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, PR, Brasil. E-mail: drdrcarvalho@gmail.com

³ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP). Livre Docente pela EEUSP. Docente do Programa de Pós-graduação em Tecnologia em Saúde da PUCPR. Curitiba, PR, Brasil. E-mail: m.cubas@pucpr.br



1 Introdução

Conceitos são formulações complexas acerca de experiências empíricas. A operacionalização de um conceito é a síntese de um conjunto de definições do fenômeno com estratégia de busca construída de acordo com a necessidade de aplicação identificada (Madureira *et al.* 2021). Essa operacionalização, em geral, é feita pela aplicação de métodos de análise de conceito, dentre eles, o método evolucionista de Rodgers (Rodgers, 1989), o método Wilsoniano – descrito e adaptado por Walker e Avant (Rembold *et al.* 2018) e o modelo híbrido (Catlin, 2019), todos considerados métodos de abordagem qualitativa.

Fenômenos que envolvem o comportamento humano, como a violência, são complexos, pois tendem a serem conceituados de forma inespecífica e com atributos subjetivos. A definição de violência de gênero, concebida e utilizada por alguns autores, é qualquer ato praticado contra uma pessoa em virtude do seu gênero, capaz de causar prejuízos físicos, psicológicos ou sexuais, sendo perpetuada em espaços de relações de poder (Bannister; Moyi, 2019; Iyanda *et al.* 2019; Werwie *et al.* 2019; Kosterina; Horne; Lamb, 2021). A partir dessa percepção, pode-se verificar que os atributos deste conceito não são suficientes para que ele seja devidamente reconhecível ou operacionalizável, no domínio das relações generificadas.

A forma inespecífica do conceito de violência de gênero é identificada pela similaridade com o conceito de violência. A Organização Mundial de Saúde (OMS) acata a definição do fenômeno como uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação (Krug *et al.* 2002). Percebe-se a necessidade de maior compreensão, pois ao operacionalizar o conceito, não é possível identificar se foi caracterizada uma violência de gênero ou uma violência. Este limite interfere na compreensão do fenômeno e, conseqüentemente, limita a implementação de intervenções adequadas para seu enfrentamento.

Analisando o cenário das terminologias em saúde, tomando como exemplo a Classificação Internacional para Prática de Enfermagem (CIPE[®]), a necessidade de operacionalização do conceito torna-se ainda mais relevante, uma vez que na versão 2019-2020 o termo “violência” é descrito como fenômeno da prática da enfermagem e a “violência de gênero” não é considerada um fenômeno isolado (Bonamigo; Carvalho;



Cubas, 2021). Esta ausência determina a impossibilidade de o fenômeno ser identificado de forma assertiva e que resulte na sua invisibilidade em base de dados dos serviços que utilizam terminologias padronizadas para gerar relatórios de morbi-mortalidade.

É importante salientar que, antes de aplicar métodos tradicionais de análise conceitual, é imprescindível verificar a maturidade do conceito de modo a estimar os benefícios esperados da especificação, detalhamento e operacionalização deste¹¹. Para que o conceito seja suficientemente maduro ele precisa ser amplamente definido na literatura, suas definições devem conter características essenciais que permitam seu reconhecimento, além explicitar seus limites e consequências (Morse, 1995).

O conceito de violência de gênero é considerado imaturo por possuir atributos genéricos que refletem sua conexão com a violência, sem lhe conferir especificidade. Destaca-se que, como se trata de um fenômeno estrutural e enraizado na sociedade, a violência de gênero é normalizada (Marinho, 2020), justificando a necessidade de maior entendimento e de métodos mais robustos para análise satisfatória do conceito (Cubas; Nóbrega, 2022).

Ao passo que os conceitos imaturos são impassíveis de especificação por meio dos métodos de análise conceitual disponíveis, as estruturas das terminologias em saúde estão cada vez mais sistemáticas. Como exemplo, a *Systematized Nomenclature of Medicine International – Clinical Terms* (SNOMED – CT), não admite a inserção de termos vagos, abrangentes e pouco objetivos, o que justifica o oferecimento de métodos que potencializem a análise conceitual de fenômenos complexos e imersos em subjetividade (Cubas; Nóbrega, 2022).

Com essa finalidade, foi proposto um método de análise conceitual capaz de utilizar definições de termos substitutos para enriquecer o corpus de análise do conceito “violência de gênero”, utilizando ferramentas de inteligência artificial para a identificação de padrões entre as definições. Esta estratégia buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa: “Quais os atributos, antecedentes e consequentes do conceito de ‘violência de gênero’, utilizando termos substitutos para explicitar suas relações?”.

O objetivo desse artigo foi analisar o conceito de violência de gênero, por meio da relação com seus termos substitutos. São considerados termos substitutos de um conceito aqueles que são utilizados como sinônimos do termo em textos científicos (Rodgers, 1989).

Foi utilizado como marco teórico para os estudos de gênero, o modelo proposto por Joan Scott (Scott, 1995). A autora defende que o termo “gênero” teve seu uso inicial

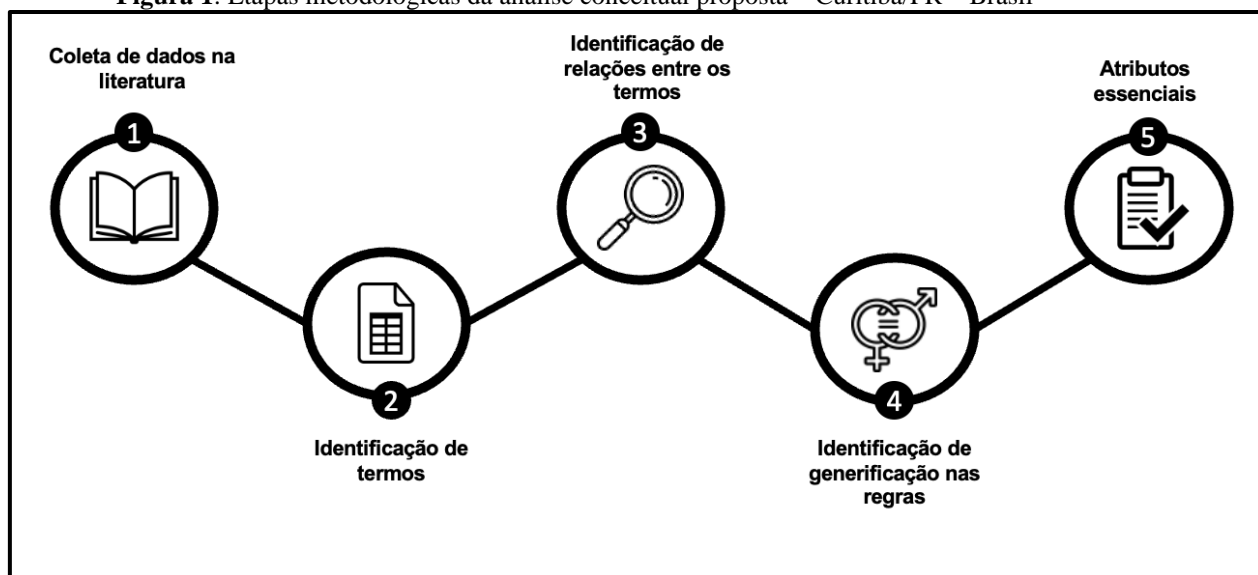
feito por teóricas feministas americanas para enfatizar a construção social das distinções baseadas no sexo. Na época, ele era usado para substituir o termo “mulheres” de forma neutra, com a finalidade de evitar remeter ao essencialismo empregado, anteriormente, por feministas. Essa neutralidade retirava a mulher do papel de sujeito histórico, mas, por não ser ameaçador para uma sociedade acadêmica masculina, o termo era aceito como uma busca feminina por legitimidade acadêmica.

Além do viés da neutralidade, seu emprego deixava implícito que qualquer conhecimento a respeito de mulheres era necessariamente um estudo sobre os homens, uma vez que o mundo delas faz parte do mundo deles e é construído pelo sistema masculino. Assim, o termo “gênero” rejeita a dualidade da esfera do mundo masculino separado do mundo feminino, rejeitando explicações de cunho biológico e explicitando que as relações sobre as funções do homem e da mulher em uma sociedade são um construto social, desvinculando as práticas sexuais dos papéis atribuídos a homens e mulheres (Scott, 1995; Firmino; Porchat, 2017).

2 Métodos⁴

Trata-se de uma pesquisa metodológica, organizada em cinco etapas: i) coleta de dados; ii) identificação de termos; iii) identificação de relações consequenciais e causais; iv) identificação de generificação e v) redação de lista de atributos essenciais (Figura 1).

Figura 1: Etapas metodológicas da análise conceitual proposta – Curitiba/PR – Brasil



Fonte: As autoras, 2023.

⁴ Esta pesquisa foi dispensada de avaliação por Comitê de Ética em Pesquisa por limitar-se ao uso de base de dados de acesso público.



Etapa 1: Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada na plataforma de periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), biblioteca on-line que inclui MEDLINE (*Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*), Scopus e Web of Science, por meio de descritores estruturados. A escolha dessa plataforma se deu pela abrangência de diversos campos do saber, aumentando área de aplicação do conceito e o acesso institucional às versões completas dos artigos.

Foram realizadas buscas para cada um dos cinco descritores: “*gender violence*”, “*physical violence*”, “*psychological violence*”, “*domestic violence*” e “*sexual violence*”, sem ligações booleanas. A escolha dos descritores foi justificada pela sua identificação como termos substitutos em pesquisa anterior¹⁶. Foram recuperados artigos publicados em periódicos revisados por pares, com recorte temporal de um ano (2018), nos idiomas inglês, português, espanhol e francês. O recorte temporal se deu em função da expressiva quantidade de publicações relacionadas aos temas citados. Ademais, as definições presentes em artigos se referem ao ano de sua construção e não ao ano de publicação do artigo que a utilizou.

O critério de inclusão foi conter uma definição explícita do conceito de interesse no corpo do texto, ou seja, o termo deve ser o sujeito da frase. Foram excluídas definições mistas, ou seja, abrangendo dois ou mais conceitos na mesma frase. Por não se tratar de revisão de literatura, não foi utilizado *guideline* específico de qualquer tipologia de revisão.

Etapa 2: Identificação de termos definidores

A fim de não perder as características epistemológicas de cada termo a extração foi feita, por uma das pesquisadoras, de forma livre e sem modificação no texto original. A definição foi separada em palavras excetuando as expressões de ligação (artigos e preposições), gerando um banco de termos de características definidoras.



Etapa 3: Identificação de relações consequenciais e causais entre os termos

O processo do *Knowledge Discovery in Databases*⁵ (KDD) tem como objetivo identificar padrões novos e úteis em um conjunto de dados e é organizado em três fases: pré-processamento, mineração de dados e pós-processamento (Fayyad; Piatetsky-Shapiro; Smith, 1995).

Nesta etapa, foram realizados o pré-processamento e a mineração dos dados. Durante o pré-processamento foram excluídos termos em duplicidade do banco de termos de características definidoras. Para mineração de dados, foi utilizada a tarefa de descoberta de regras de associação, por meio do algoritmo Apriori (Agrawal *et al.* 1996), para encontrar padrões entre os termos do tipo SE <A> ENTÃO . Este algoritmo descobre os padrões que representam todas as possíveis associações entre os termos de características definidoras, considerando os critérios de seleção: suporte e confiança. O suporte (probabilidade do termo <A> ocorrer no conjunto) foi parametrizado em 10%, a confiança (probabilidade condicional do ocorrer dado que o termo <A> ocorreu) em 50% e garantida a ocorrência de apenas um termo em <A> e outro em .

Etapa 4: Identificação de generificação nas regras

Considerando o uso de termos substitutos para análise do conceito de violência de gênero, durante o pós-processamento foi necessário definir regras de associação que continham relação de gênero, para tal foi utilizada como estratégia identificar a generificação dos fenômenos a partir da obra de Joan Scott (Scott, 1995).

Para a autora, gênero é um constructo que podem ser sumarizado em quatro pilares: elemento construtivo das relações sociais; uma forma de dar significado às relações de poder a partir de símbolos culturalmente disponíveis; conceitos normativos para organização social e definição de identidade subjetiva¹⁴. Foram consideradas quatro pilares para identificar a generificação: generificadas as regras cujo primeiro termo de cada regra (antecedente) se encaixou no constructo de gênero teorizado por Scott (1995).

Para evitar leitura enviesada, a verificação de generificação das regras foi realizada pela pesquisadora principal e checada por membros do grupo de pesquisa, sendo: três doutorandas, três mestrandas, duas iniciantes científicas e três enfermeiras assistenciais em uma reunião presencial do grupo de pesquisa.

⁵ A partir deste momento, todas as referências a *Knowledge Discovery in Databases* serão feitas pela sigla KDD.



Etapa 5: Redação da lista de atributos essenciais

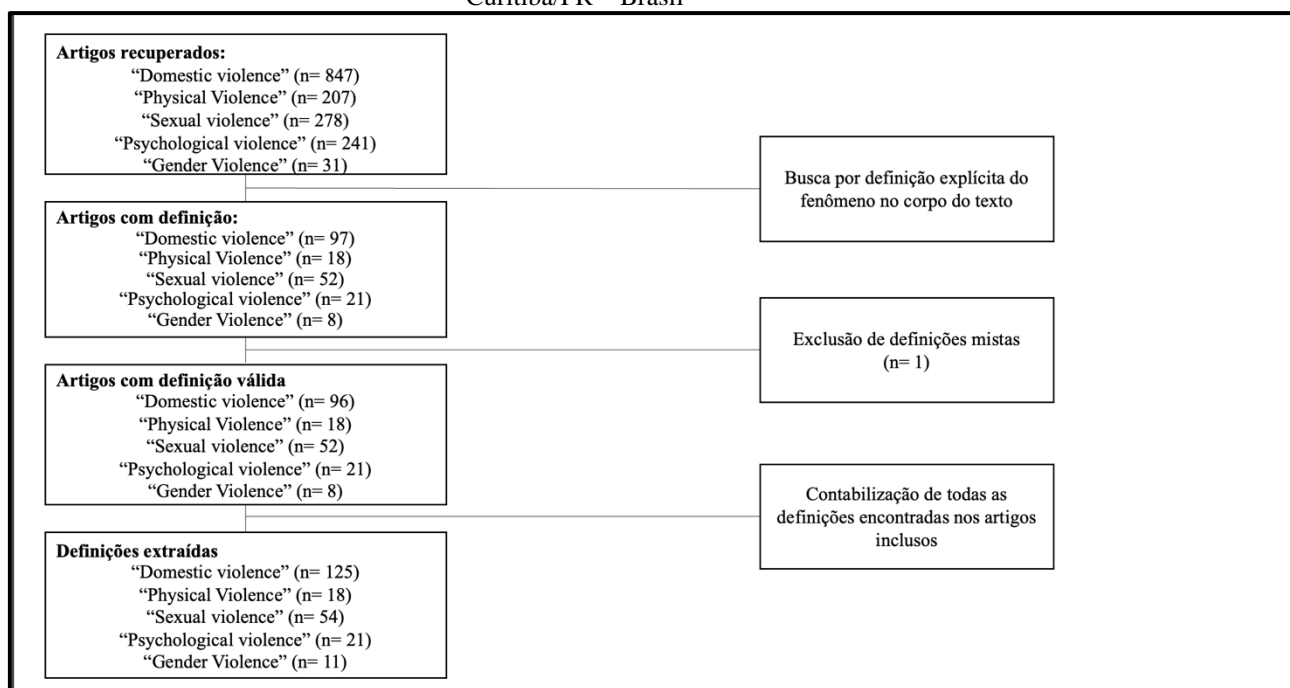
Baseada na conceitualização de antecedentes, consequentes e atributos propostas por Rodgers (1989), os atributos essenciais foram classificados entre atributo, antecedente e consequentes e representados na Figura 3.

Ressalta-se que para Rodgers (1989) qual as características definidoras do conceito são atributos, as condições prévias para o fenômeno acontecer são antecedentes e os desfechos são os consequentes.

3 Resultados

A estratégia de busca recuperou 1604 artigos, sendo incluídos no corpus de análise 229 definições, extraídas de 195 artigos selecionados (Figura 2).

Figura 2: Fluxograma do número de artigos encontrados, selecionados e das definições encontradas – Curitiba/PR – Brasil



Fonte: As autoras, 2023

A partir dos 195 artigos com definições encontradas, foram extraídos 229 termos definidores para compor o banco de termos. No processamento de dados, foram identificadas 63 regras de associação, que serão apresentadas na próxima subseção.

O Quadro 1 apresenta as regras de associação identificadas pelo algoritmo, seus antecedentes, consequentes e se a regra foi considerada generificada e incluída ou se foi considerada não generificada e excluída.



Quadro 1: Regras identificadas pelo algoritmo organizadas pelos seus antecedentes – Curitiba/PR – Brasil.

| Antecedente de regra | Consequente de regra | Regra generificada | Regra não generificada |
|---|--|--------------------|------------------------|
| Violência contra mulher | Violência masculina contra mulher | X | |
| | Violência de parceiros íntimos | X | |
| | Ser mulher | X | |
| Problema de saúde pública | Quebra de direitos humanos | X | |
| | Fenômeno complexo | X | |
| Abuso de crianças ou idosos | Violência sexual | | X |
| | Violência entre parceiros íntimos | | X |
| | Violência física | | X |
| Abuso de poder ou autoridade | Comportamento degradante ou ameaçador | X | |
| Influência social da ideologia do patriarcado | Baseado em gênero | X | |
| Meios para homens dominarem mulheres | Padrão sistemático de poder e controle em um relacionamento íntimo | X | |
| Ofensa a par romântico | Violência de parceiros íntimos | X | |
| Comportamento de perseguição | Relação adulta íntima | X | |
| | Violência econômica | X | |
| | Violência sexual | X | |
| | Violência psicológica | X | |
| | Violência entre parceiros íntimos | X | |
| Baseado na sexualidade | Vítima com ao menos 16 anos | X | |
| Bater | Violência contra mulher | X | |
| | Estapear | X | |
| | Intenção de machucar | X | |
| Socar | Estapear | X | |
| Violência masculina contra mulher | Violência contra mulher | X | |
| Enforçar | Violência contra mulher | X | |
| Bater contra algo | Violência contra mulher | X | |
| Violência de parceiros íntimos | Estapear | X | |
| Puxar cabelo | Violência contra mulher | X | |
| | Estapear | X | |
| Formas de agressão física | Estapear | X | |
| Empurrar | Estapear | X | |
| Locomover empurrando | Estapear | X | |
| Ameaçar ou atacar com uma arma | Violência contra mulher | X | |
| | Estapear | X | |
| Estapear | Violência contra mulher | X | |
| Chutar | Violência contra mulher | X | |
| | Estapear | X | |
| Violência sexual | Estabelecimento de medo como forte elemento em relações sociais | X | |
| | Ameaçar | X | |
| Estabelecimento de medo como forte elemento em relações sociais | Violência sexual | X | |
| Desvalorização | Xingar | X | |
| | Xingar | X | |
| | Difamar | X | |
| | Falta de reconhecimento | X | |
| Falta de reconhecimento | Difamar | X | |
| | Desvalorização | X | |
| | Xingar | X | |
| Xingar | Falta de reconhecimento | X | |
| Difamar | Desvalorização | X | |
| | Falta de reconhecimento | X | |

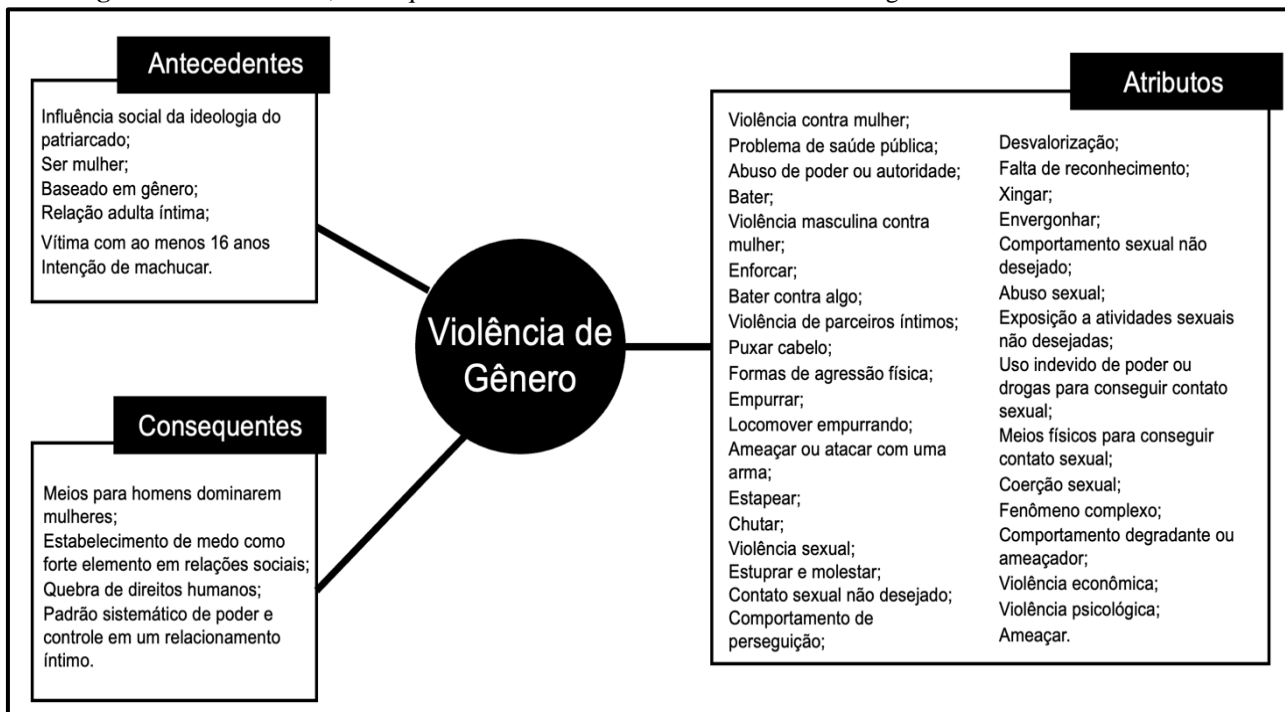


| | | | |
|---|---|---|--|
| Machucar mulheres ou quem elas amam | Envergonhar | X | |
| Envergonhar | Machucar mulheres ou quem elas amam | X | |
| Machucar mulheres ou quem elas amam | Violência contra mulher | X | |
| Penetração vaginal/anal não consentida | Exposição a atividades sexuais não desejadas | X | |
| | Uso indevido de poder ou drogas para conseguir contato sexual | X | |
| | Estuprar e molestar | X | |
| Comportamento sexual não desejado | Contato sexual não desejado | X | |
| | Coerção sexual | X | |
| Abuso sexual | Estuprar e molestar | X | |
| Exposição a atividades sexuais não desejadas | Estuprar e molestar | X | |
| Uso indevido de poder ou drogas para conseguir contato sexual | Penetração vaginal/anal não consentida | X | |
| Meios físicos para conseguir contato sexual | Contato sexual não desejado | X | |
| | Coerção sexual | X | |
| Coerção sexual | Meios físicos para conseguir contato sexual | X | |

Fonte: As autoras, 2023

Na Figura 3 estão representados os antecedentes, consequentes e atributos identificados durante o processo de análise conceitual.

Figura 3: Antecedentes, consequentes e atributos do conceito "violência de gênero" – Curitiba/PR Brasil



Fonte: As autoras, 2023



4 Discussão

Em relação ao método desenvolvido se identifica a superação das limitações indicadas nos por Madureira e colaboradores (2021), em especial a que se refere a contextualização do conceito de interesse por meio da identificação de padrões entre termos apoiada pela Inteligência Artificial. É importante salientar que, por mais que o método de KDD seja de abordagem quantitativa, o método desenvolvido é essencialmente qualitativo, pois depende da análise que o pesquisador faz do material resultante do processamento realizado pelo algoritmo do KDD. Neste caso, a ferramenta computacional auxilia a organização dos termos e a identificação das regras de associação em tempo menor do que se fosse realizada por extração e associação manual. Outro fator importante é que o KDD identifica um conjunto amplo de associações, oferecendo maior sensibilidade ao processo.

Quanto aos termos identificados, o termo “influência social da ideologia do patriarcado” como antecedente do conceito de “violência de gênero” ao mesmo tempo que parece sustentar uma lógica muito conhecida por estudiosos de gênero, suscita uma questão muito importante: o patriarcado realmente é uma “ideologia social” que pode ou não ter uma influência na sociedade? Em uma breve retrospectiva, antes de os estudos feministas sequer pensarem em gênero como uma construção social, o conceito de patriarcalismo passou a ser usado para referir-se ao sistema de dominação e exploração das mulheres, sistema o qual é estruturante para o exercício de poder desde os parâmetros da ordem social burguesa (Drehmer; Falcão, 2019; Colling, 2020).

Considerando o patriarcado como enraizado em nossa sociedade, fator estruturante desta, poderíamos considerá-lo apenas como uma ideologia capaz de estar presente ou ausente? Não se trata de desconsiderar os avanços que a luta feminista trouxe para as mulheres, mas de entender que a libertação de gênero não pode ser uma distribuição mais igualitária da violência ou, ainda pior, uma forma aceitável de violência (Preciado, 2022, p.23).

O termo “ser mulher” como antecedente da “violência de gênero” corrobora com o patriarcalismo enraizado em nossa cultura. Para evolução do conceito, cabe nesse ponto um questionamento: apenas pessoas cisgênero são vítimas de violência de gênero? Durante toda a análise conceitual, não foi identificado nenhum atributo, antecedente ou consequente que incluísse abertamente indivíduos não cisgêneros ou não binários, apesar de haver evidências científicas de mulheres trans sofrem vários tipos de violência



(Marinho, 2020; Silva *et al.* 2022). Pessoas não cisgênero e não binárias estão marginalizadas inclusive em produções acadêmicas, como se houvesse dois tipos de violência de gênero: a que acomete pessoas cisgênero e a que acomete pessoas não cisgênero. Ao produzir conhecimento dessa forma, se afirma a epistemologia da diferença sexual inserida como verdade, no século passado, em nossa sociedade.

Os termos “baseado em gênero”, “relação adulta íntima” e “vítima com ao menos 16 anos” surgem como antecedentes para diferenciar a “violência de gênero” de outras tipologias de violência. Para excluir violência contra criança e adolescente, identifica-se um modelo de violência doméstica contra criança e adolescente separado de violência doméstica contra adultos (Minayo, 2001).

Nos atributos, diversos termos represem a faceta concreta da violência de gênero, ou seja, como ela é perpetrada de forma perceptível em um exame físico, como “bater”, “chutar”, “estapear”, “enforçar” e “formas de agressão física”. Também é possível identificar as formas invisíveis consideradas normalizadas e aceitas pela sociedade como “desvalorização”, “falta de reconhecimento”, “envergonhar”, “violência psicológica” e “violência econômica” (Preciado, 2023, p. 23). As formas invisíveis, apesar de serem mais recorrentes no ambiente doméstico e associadas ao termo “violência de parceiros íntimos”, são as formas que mulheres menos percebem (Oliveira *et al.* 2017; Minayo; Pinto; Silva, 2022). Nesse contexto, podemos retomar a discussão sobre o patriarcalismo: não é suficiente sobreviver a mundo com violência de gênero, é preciso viver sem ter medo de performar seu gênero (Firmino; Porchat, 2017).

A violência psicológica apresenta um *status* de manutenção da violência que ainda é vista como aceitável, uma vez que a vítima pensa que podia estar sofrendo muito mais²⁵. Além disso, diminui a autoestima da pessoa, fazendo com que a pessoa que está em situação de violência psicológica se sinta culpada ou merecedora de outras tipologias de violência.

Como consequentes da violência de gênero, temos a manutenção do patriarcado, representados pelos termos “meios para homens dominarem mulheres”, “estabelecimento de medo como forte elemento nas relações” e “padrão sistemático de poder e controle em um relacionamento íntimo”. O medo mostra-se um fator mediador da violência de gênero em suas diferentes facetas, corroborando para a manutenção da estrutura social patriarcal, na qual a mulher é subordinada ao homem e punida caso não exista a subordinação (Firmino; Porchat, 2017; Sikweyiya *et al.* 2020; Tsapalas *et al.* 2020).



Para fomentar o desenvolvimento do conceito, é importante salientar que em nenhum momento da análise foi apresentado algum termo que representasse relações raciais perpassando o conceito de “violência de gênero”, apesar do último Atlas da Violência relatar que, em 2019, a taxa de mortalidade de mulheres negras no Brasil era 65,8% maior do que mulheres não negras (Cerqueira *et al.* 2022). Essa omissão na produção científica demonstra como o saber produzido corrobora com o racismo estrutural e o torna invisível.

5 Considerações finais

Os achados indicam que o conceito de violência de gênero engloba atos de violência física, psicológica e sexual, apresenta como vítimas mulheres e como perpetrador um homem com o qual a vítima se relaciona. Essa descrição operacional corrobora com a violência estrutural presente em uma sociedade patriarcal, denotando como a mulher está mais vulnerável a ser violentada e como corpos que não performam o gênero esperado em uma sociedade que reafirma seus padrões heterossexuais se tornam abjetos, ou seja: não são nem citados. Parafraseando Judith Butler, a violência passa a ser um problema de gênero quando seu medo de andar na rua sozinho(a) depende do gênero que a sociedade te reconhece.

Essa discussão de gênero precisa de cuidado para não se tornar um discurso feminista de primeira onda, na qual a mulher é vulnerável e pessoas não binárias são invisibilizadas. Logo, destaca-se a necessidade de um olhar mais atento para a violência sofrida por indivíduos de gênero não binário, transgêneros, travestis e suas relações com outras questões sociais estruturais como racismo e classicismo. Essa limitação não é uma limitação metodológica, pois os atributos não estavam presentes nas definições identificadas nos artigos selecionados.

Focando no método de análise conceitual desenvolvido, foi verificado que as etapas metodológicas auxiliam o pesquisador a sistematizar o entendimento de um conceito, a partir do momento que as relações consequenciais e causais são encontradas por um algoritmo, diminuindo o viés do pesquisador quando comparada ao método qualitativo apresentado nos demais métodos. A etapa em que o pesquisador valida as regras identificadas pelo processo de KDD mantém o caráter qualitativo apresentado em outros métodos de análise conceitual.



A utilização dos termos substitutos para enriquecer o *corpus* de pesquisa na etapa de coleta de dados mostrou-se essencial para estabelecer as relações consequenciais e causais de um conceito tão complexo quanto o da violência de gênero.

Como implicação para pesquisas futuras, o método apresentado facilita a análise conceitual de conceitos imaturos, corroborando para o desenvolvimento de diversos conceitos.

Como limitação de estudo, a coleta de dados foi realizada utilizando um agregador de base de dados nacional e um recorte temporal transversal, tal estratégia de coleta de dados pode não ter encontrado outras definições para o assunto. Entretanto, o corpus de definições foi considerado suficiente quando comparado ao número de definições utilizadas por outras pesquisas de análise conceitual¹. Sugere-se que outros pesquisadores que usem a proposta do método, ampliem o corpus de acordo com o número de definições identificadas.

Referências

AGRAWAL, R. MANNILA, H; SRIKANT, R; TOIVONEN, H; VERKAMO, A.I. Fast discovery of association rules. **Adv. Knowl. Discov. Data Min.**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 1996. [cited 2023 Dez 09]. p. 307-328, 1996. Disponível em: <http://www.cs.helsinki.fi/hannu.toivonen/pubs/advances.pdf>. Acesso em: 09 dez 2023.

ALBUQUERQUE, L. M.; Carvalho, CMG; Apostólico, MR; Sakata, KN; CUBAS, MR; Egry, EY. Nursing Terminology defines domestic violence against children and adolescents. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 68, n. 3, p. 393-400, mai-jun. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2015680311>.

BANNISTER, M.; MOYI, E. Domestic gender-based violence and the potential offered by empowerment initiatives: The case of Makhokho, Western Kenya. **Women's Studies International Forum**. v. 77, p. 102295, oct. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.wsif.2019.102295>.

BONAMIGO, V. G.; CARVALHO, D. R.; CUBAS, M. R. Domestic violence: a Rodger's evolutionist conceptual analysis. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 74Suppl 3, n. Suppl 3, p. e20200376, fev. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0376>.

CATLIN, A. Nursing strike, America, 2019: Concept analysis to guide practice. **Nursing Outlook**, New York, v. 68, n. 4, p. 468–475, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.outlook.2020.03.002>.

CERQUEIRA D.; BUENO S.; LIMA R.; NEME C.; FERREIRA H.; ALVES P.; MARQUES, D.; REIS, M.; CYPRIANO, O.; SOBRAL, I.; PACHECO, D.; LINS, G.; ARMSTRONG, K. Atlas da Violência 2021 [Internet]. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2023.



COLLING, A. M. Violence against women - cruel heritage of the patriarchy. **Revista Diversidade e Educação**, Porto Alegre, v.8, n. 1, p. 171–194. 2020. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v8iEspeciam.1094>.

CUBAS, M. R.; NÓBREGA, M. M. L. DA. Equivalence Between Icnp® and Snomed Ct Concepts: Theoretical Reflection. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 31, e210450, p. 1–11, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2021-0450en>.

DREHMER, L. B. R.; FALCÃO, C. N. de B. Para Além da Concepção Binária Cis-heteronormativa: a Psicanálise Interrogada pelas Diversidades Sexuais e de Gênero. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 39, n. spe3, p. 62–74. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228536>.

FERREIRA, E. DE S.; DANZIATO, L. J. B. A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso. **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 40, p. 149–168, jan-jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v41n40/v41n40a10.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2023.

FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51–61, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819>. Acesso em: 09 dez. 2023.

IYANDA, A. E; BOAKYE, K.A; OLOWOFESO, O.H; YONGMEI, L; GILES, J.S. Determinants of Gender-Based Violence and Its Physiological Effects Among Women in 12 African Countries. **Journal of Interpersonal Violence**, [S.l.], p. 1–24, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260519888536>.

KOSTERINA, E.; HORNE, S. G.; LAMB, S. The role of gender-based violence, health worries, and ambivalent sexism in the development of women’s gynecological symptoms. **Journal of Health Psychology**, [S.l.], p. 1-13. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1177/1359105318825292>.

KRUG EG, MERCY JA, DAHLBERG LL, ET. AL. World report on violence and health - World Health Organization. **The Lancet**, London, v. 360, n. 9339, p. 1083–88, oct. 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0).

MADUREIRA, V. S. F; SILVA, D.M.G; TRENTINI, M; SOUZA, S.S. Métodos de análise conceitual na enfermagem: uma reflexão teórica. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 1–7. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0186>.

MARINHO, S. Mulheres trans, violência de gênero e a permanente caça às bruxas. **Argumentum**, Vitória, v. 12, n. 3, p. 86–101, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v12i3.31355>.

MINAYO, M. C. DE S. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 1, n. 2, p. 91–102, maio./ago. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1519-38292001000200002>.

MINAYO, M. C. DE S.; PINTO, L. W.; SILVA, C. M. F. P. DA. Our daily violence according to PNS 2019 data. **Ciencia e Saude Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 9, p. 3701–3714, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-8123202279.07532022EN>.

MORSE, J. M. Exploring the theoretical basis of nursing using advanced techniques of concept analysis. **Advances in nursing science**, Philadelphia, v. 17, n. 3, p. 31-46, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1097/00012272-199503000-00005> Acesso em: 09 dez 2023.



OLIVEIRA, A. S. L. A. De et al. Psychological violence against women practiced by intimate partners: a cross-sectional study in a rural area of Rio Grande do Sul, Brazil, 2017.

Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 30, n. 4, p. 1–11, jan-dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000400017>.

PRECIADO, P. B. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

REMBOLD, S. M; SANTANA, R.F; SOUZA, P.A; SCHWARTZ, S.M.O.X. Nursing Diagnosis Risk for Delayed Surgical Recovery (00246): Concept Clarification and Definition of Empirical Referents. **International Journal of Nursing Knowledge**, v. 29, n. 4, p. 263–268, october. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/2047-3095.12176>.

RODGERS, B. L. Concepts, analysis and the development of nursing knowledge: the evolutionary cycle. **Journal of Advanced Nursing**, [S.l.], v. 14, n. 4, p. 330–335. 1989. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.1989.tb03420.x>.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul-dez. 1995. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequence=1>.

SIKWEYIYA, Y. Addo-Lartey, A.A; Alangea, D.O; DAKO-GYEKE, P.; CHIRWA, E.D; COKER-APPIAH, D; ADANU, R.M.K; JEWKES, R. Patriarchy and gender-inequitable attitudes as drivers of intimate partner violence against women in the central region of Ghana. **BMC Public Health**, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 1–11. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-020-08825-z>.

SILVA, I. C. B; ARAÚJO, E.C; SANTANA, A.D.S; MOURA, J.W.S; RAMALHO, M.N.A; ABREU, P.A. Gender violence perpetrated against trans women. **Revista brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 75, Suppl 2, n. Suppl 2, p. e20210173. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0173>.

TSAPALAS, D. PARKER, M; FERRE, L; BERNLES, M. Gender-Based Violence, Perspectives in Latin America and the Caribbean. **Hispanic Health Care International**, [S.l.], p. 1-15. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1540415320924768>.

WERWIE, T. R. HILDON, Z.J-L; CAMARA, A.D; Mbengue, O.K; VONDDRASEK, C; MBAYE, M; MILIS, H; KUMOJI, K.; BABALOLA, S. Gender-Based Violence in Senegal: its Catalysts and Connections from a Community Perspective. **Journal of Family Violence**, [S.l.], v. 34, n. 8, p. 769–780, april. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00058-y>.

Recebido em: 22 de outubro de 2023.

Aceito em: 27 de novembro de 2023.